

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

PEDRO APRIGIO DOS SANTOS

AS RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE RAZÃO E FÉ NO
CRISTIANISMO: Igreja Católica

ANÁPOLIS – GO
2022

PEDRO APRIGIO DOS SANTOS

AS RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE RAZÃO E FÉ NO
CRISTIANISMO: Igreja Católica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Católica
de Anápolis, como requisito
essencial para obtenção do título de
Bacharel em Teologia, sob a
orientação do prof. Carlito
Bernardes.

ANÁPOLIS – GO
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO
PEDRO APRIGIO DOS SANTOS

AS RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE RAZÃO E FÉ NO
CRISTIANISMO: Igreja Católica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Católica
de Anápolis, como requisito
essencial para obtenção do título de
Bacharel em Teologia, sob a
orientação do prof. Pe. Carlito
Bernardes com nota avaliativa

_____.

Data da aprovação: / /

DEDICATÓRIA

A minha esposa Elisângela Cordeiro
e aos meus filhos: Pedro Benjamin e
Raquel Ísis.

AGRADECIMENTOS

- A Deus Uno e Trino.
- A minha família.
- A todo ser que luta pela dignidade da vida.

A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio.

(JOÃO PAULO II)

RESUMO

O presente trabalho fala sobre a religião e as suas manifestações (antropológicas, sociais, políticas, institucionais e econômicas) na sociedade passada e atual. Faz uma análise do homem como um ser racional, religioso. Fala sobre as relações e conflitos entre Razão e Fé no Cristianismo, sobretudo no mundo católico. Além disso, relata os desafios, as responsabilidades para o homem crente ou não no século XXI, frente às conquistas e consequências dos avanços técnico e científicos para a humanidade e biodiversidade como: desigualdade social, aquecimento global e aumento do poder bélico (armas de fogo, químicas, nucleares e biológicas) cada vez mais letais.

Palavra-chave: Homem. Razão. Fé. Religião. Cristianismo

ABSTRACT

This work talks about religion and its manifestations (anthropological, social, political, institutional and economic) in past and current society. It analyzes man as a rational, religious being. It talks about the relationships and conflicts between Reason and Faith in Christianity, especially in the Catholic world. In addition, it reports the challenges, the responsibilities for the believer or not man in the 21st century, facing the achievements and consequences of technical and scientific advances for humanity and biodiversity, such as: social inequality, global warming and increased military power (firearms , chemical, nuclear and biological) increasingly lethal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - O HOMEM COMO UM SER RACIONAL, SOCIAL, POLÍTICO E RELIGIOSO	11
1. Religião	11
2. O homem, os ritos e as manifestações religiosas	12
CAPÍTULO II - A RELIGIÃO CRISTÃ: IGREJA CATÓLICA	17
1. A religião cristã	17
2. Tradição Apostólica	17
2.1 Bíblia	19
2.2 Magistério	20
CAPÍTULO III - AS RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE A FÉ E A RAZÃO: CRISTIANISMO E A MISSÃO DA IGREJA ATUAL	23
1. Fé e Razão	23
2. A missão da Igreja Atual	29
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa as relações entre a Fé e a Razão dentro da religião cristã. É necessário pontuar que o cristianismo é composto de três linhas, ou seja, a católica, a ortodoxa e protestante, em virtude da natureza do trabalho, fizemos um recorte no catolicismo.

O presente trabalho é composto de três capítulos, a saber: o primeiro capítulo trata do homem como um ser religioso, ou seja, faz uma reflexão sobre o que é religião, suas manifestações (antropológicas, sociais, políticas, institucionais e econômicas) na sociedade passada e atual. Pontua o homem como um ser racional, cultural e religioso que busca um sentido para sua vida e a realidade à sua volta.

O segundo capítulo fala da Religião Cristã que se distingue das demais porque tem um Deus que se revela ao homem a maneira humana, ou seja, Deus se faz homem em Cristo por meio do Mistério da Encarnação. Este mistério vai além da razão e é compreendido pela iluminação e vivência da/na fé.

O terceiro e último capítulo relata as relações e conflitos entre a fé e a razão no cristianismo e a missão da igreja diante dos desafios que ela o mundo enfrentam no século XXI, os quais são frutos dos avanços técnicos e científicos como: desigualdade social, aquecimento global e aumento do poder bélico (armas de fogo, químicas, nucleares e biológicas) cada vez mais letal. Além disso, pontuaremos algumas características do teólogo católico e a missão da Igreja atualmente frente a este contexto de crise moral, ética, política, social, ameaça de uma destruição e massa da biodiversidade pelo poder bélico (por meio das armas químicas, nucleares e biológicas cada vez mais letal).

Diante da natureza do trabalho para atender os objetivos propostos realizamos uma pesquisa bibliográfica física e online de forma qualitativa. Fizemos uma seleção e síntese dos principais autores que pesquisam/trabalham com a temática em estudo. Buscaremos agora analisar o que estes autores falam sobre: homem, religião, fé e razão, cristianismo, igreja

católica e a missão ou papel do homem crente ou não diante dos desafios contemporâneos.

CAPÍTULO I

O HOMEM COMO UM SER RACIONAL, SOCIAL, POLÍTICO E RELIGIOSO

1. Religião

Ao rever o desenvolvimento do homem perceberemos que o fenômeno religioso se faz presente em sua história. Existem diversos campos que estudam a temática religiosa, aqui faremos um recorte na filosofia da religião, esta busca vários métodos como: método histórico-crítico comparativo; o método filosófico e o método antropológico. Diante disso, ela analisa, explica a essência da religião e suas manifestações universais. No livro: Manual Esquemático de Filosofia. Ives Gandra Martins Filho nos mostra uma explicação sobre os métodos citados acima. Vejamos:

Método histórico-crítico comparativo - comparar as várias religiões no tempo e no espaço, buscando seus traços comuns e suas diferenças específicas, para verificar o que constitui a essência do fenômeno religioso;

Método Filológico — mediante o estudo comparado das línguas, busca encontrar nas línguas parentes o que pensavam e acreditavam os povos antes de se dividirem em línguas distintas (quais as palavras utilizadas para descrever e expressar o sagrado e suas raízes comuns);

Método Antropológico - reconstruir o passado religioso com base na etnologia, estudando os povos primitivos atuais (suas instituições, crenças, rituais e tradições). (MARTINS FILHO, 2003, p. 228).

Como seria a humanidade sem a religião? Mas o que é religião? Ela é divina ou humana? Quais as consequências da religião na história da humanidade? Segundo o historiador israelense, Yuval Noah Harari, em sua obra: Sapiens – Uma breve história da humanidade.

A religião foi o terceiro maior unificador da humanidade, junto com o dinheiro e os impérios. [...] As religiões afirmam que nossas leis não são resultado de capricho humano, e sim determinadas por uma autoridade suprema e absoluta. Isso ajuda a tornar inquestionáveis pelo menos algumas leis fundamentais, garantindo, desse modo, a estabilidade social. (HARARI, 2020, p.218).

A seguir citaremos algumas características da religião como: definição, conceito e consequências na sociedade do passado e atual. Embora seja muito difícil dar uma definição de religião que contemple todas as suas dimensões divinas, sociais, políticas, econômicas e ritualísticas.

Não existe uma definição simples de religião que expresse todas as suas dimensões. Abrangendo elementos espirituais, pessoais e sociais, é um fenômeno que aparece em todas as culturas, desde a Pré-História até os dias atuais, conforme evidenciado nas pinturas das cavernas, nos costumes funerários de nossos ancestrais distantes e na contínua busca por um objetivo espiritual na vida. (LIVRO DAS RELIGIÕES, 2016, p.12).

Embora não seja tarefa fácil definir o que é religião, pois ela envolve um conjunto de fatores: espirituais, políticos, econômicos e institucionais. o dicionário de filosofia, Nicola Abbagnano, ao falar sobre a religião diz que ela é a:

Crença na garantia sobrenatural de salvação, e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. A garantia religiosa é sobrenatural, no sentido de situar-se além dos limites abarcados pelos poderes do homem, de agir ou poder agir onde tais poderes são impotentes e de ter um modo de ação misterioso e imperscrutável. [...]. Por técnicas entendem-se todos os atos ou práticas de culto: oração, sacrifício, ritual, cerimônia, serviço divino ou serviço social. A crença na garantia sobrenatural é a atitude religiosa fundamental, podendo ser simplesmente interior e pessoal (religiosidade individual); ao contrário, as técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia constituem o lado objetivo e público da Religião, seu aspecto institucional. (ABBAGNANO, 2007, p. 997-998).

Qual é a origem da religião? Qual é o seu significado? Qual é sua função na sociedade, sobretudo atual? Para o autor do livro: Manual Esquemático de Filosofia, existem três métodos distintos para explicar a origem etimológica da religião, a saber:

Relegere (Cícero) — voltar a ler as orações previstas nos ritos religiosos, quando não recitadas corretamente, dado o seu caráter sagrado;
 Reeligere (S. Agostinho) — voltar a eleger a Deus, depois da queda do pecado original;
 Religare (Lactâncio) — reconhecer a dependência pessoal em relação a Deus, ligando-se novamente a Ele. A explicação mais comumente aceita é a última, que coloca a religião como uma religação com Deus.
 [Portanto a religião] pode ser definida como o reconhecimento, por parte do homem, da existência da divindade e da dependência do mundo e do homem em relação a Deus, com a correspondente exteriorização desse reconhecimento e dependência através de formas individuais e coletivas de culto. (MARTINS FILHO, 2003, p. 228).

2. O homem, os ritos e as manifestações religiosas.

O homem tem várias características como ser racional, social, político, econômico e cultural. Mas uma das principais especificidades humana é que o

homem é um ser religioso. A história nos mostra que a religião é um fato unicamente do homem, só ele tem consciência da divindade. Pois ela “não está presente nos outros seres vivos, mas somente no homem”. (MONDIN, 2008, p. 224).

A religião tem vários aspectos entre os quais, podemos destacar os seguintes: antropológico, social e político. A religião é composta por homens, estes formam uma sociedade (sociedade entendida como a união de duas ou mais pessoas) e instituição religiosa (igreja) com determinados poderes como o “poder de legislar, de administrar [e] de julgar” (JOLIVET, 1953, p, 444). Na dimensão cultural religiosa podemos perceber que:

O culto é a manifestação exterior da religiosidade, através de atos que demonstrem a Deus o reconhecimento de sua supremacia e de nossa dependência em relação a Ele. Compõe-se dos atos e objetos que estejam voltados para essa demonstração: orações vocais, sacrifícios, ritos religiosos, imagens, lugares sagrados, festividades, etc. (MARTINS FILHO, 2003, p. 264).

Os ritos e as manifestações religiosas acontecem no tempo e no espaço, mas a religião ultrapassa o tempo cronológico e o espaço físico. Religião significa uma ligação entre o “mundo profano – a natureza e os humanos- e o mundo sagrado- as divindades que habitam a natureza ou espaço sagrado”.(CHAUI, 2017, p. 280).

No livro, O homem quem é ele?: elementos de antropologia filosófica, Batista Mondin diz que a religião “é um conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com relação ao sagrado”. (MONDIN, 2008, p. 248). Portanto, podemos definir o homem como um ser religioso, ele busca em sua trajetória de crise, angústia, sofrimento, incerteza, agradecimento e felicidade se relacionar com o divino de diversas formas. A esse respeito o Catecismo da Igreja Católica traz algo que é fundamental mencionar, diz ele que:

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar.

Em sua história, e até os dias de hoje, os homens têm expressado de múltiplas maneiras sua busca de Deus por meio de suas crenças e de seus comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações etc.). Apesar das ambiguidades que podem comportar, estas formas de expressão são tão universais que o homem pode ser

chamado de *um ser religioso*. (CIC, 2017, p.p. 21-22). (grifo do autor).

O homem como um ser racional, cultural e religioso que vive no tempo e no espaço no universo explorado em sua totalidade, questiona sobre: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? O que é a vida? O que é a morte ou que existe após a morte? O que é a felicidade? O que é a verdade? Ele é um ser crente, isto é, que acredita em alguns princípios/valores, os quais orientam a sua vida. A grande questão é: qual é de fato a origem do homem e seu destino? Nenhuma ciência tem uma resposta final e cabal sobre esta temática, mas a religião é a ciência que dá um conforto, uma esperança, ou um sentido melhor para vida da pessoa. Frente a isso vem a pergunta. Qual é o elemento em comum nas mais diversas concepções religiosas?

Talvez os elementos mais óbvios para identificar e comparar religiões sejam as observâncias do credo, incluindo rezas, peregrinações, meditação, jejum, vestimenta e, claro, cerimônias e rituais. Outro ponto a considerar são os aspectos físicos, artefatos, relíquias, lugares de adoração e locais sagrados. Há também um aspecto mais subjetivo: os elementos místicos e emocionais e como um observante vivência a religião para alcançar o nirvana, a iluminação ou a paz interior, por exemplo, ou ainda para estabelecer um relacionamento pessoal com o divino. (LIVRO DAS RELIGIÕES, 2016, p.14).

Ainda no que diz respeito aos elementos em comum entre as variedades de religiões ou concepções religiosas, [às vezes incompreensíveis de forma racional] podemos citar os seguintes pontos:

01. Existência de uma divindade criadora do homem;
 02. Existência de um mundo invisível, supra-sensível, esplendoroso e não sujeito às leis puramente materiais, que atua de forma misteriosa neste outro universo sensível;
 03. Vinda à terra de um salvador ou benfeitor supra-humano, procedente do Ser Supremo e do qual é instrumento;
 04. Vida ultra-terrena, em que os atos bons do homem nesta vida serão premiados e os atos maus serão castigados.
- O que varia, na verdade são as formas como se dariam essa criação e salvação, [a saber]:
- a) Criação a partir do nada (Deus transcendente do Cristianismo) ou a partir do próprio Deus (Deus imanente ao mundo, concebido pelo Hinduísmo);
 - b) Salvador como Deus encarnado (Cristo) ou como um profeta ou mestre, instrutor e benfeitor da humanidade (Maomé, Buda, Jina, Confúcio, Lao-Tse, Zoroastro ou Manes)
 - c) Vida ultra-tumba com prêmio e castigo eternos (Cristianismo), aniquilamento total no Nirvana (Budismo), ou ainda reencarnações sucessivas, até purificação total para todos (Hinduísmo);

d)Diferentes comportamentos morais considerados como necessários para a salvação: indissolubilidade do matrimônio (Cristianismo) ou poligamia (Islamismo). (MARTINS FILHO, 2003, p.p. 267-268).(Grifo nosso).

A sociedade é múltipla, dinâmica e vive diversos credos ou concepções religiosas. Vimos anteriormente que a religião foi um dos fatores fundamentais pela coesão da sociedade. A história nos mostra que por falta de amor a si mesmo e ao próximo, por falta de ética, compreensão e respeito ao outro, por um entendimento equivocado sobre: “deus”, a “religião”, o “sagrado”, o “divino”, o “livro sagrado”, a “fé”, a “vida” e o “homem”. Alguns seres são intolerantes e, conseqüentemente, provocam conflitos, às vezes até a morte de outros que professam credos diferentes.

Assim como as religiões criaram coesão nas sociedades, elas também foram fonte – ou propagadoras - de muitos conflitos. Apesar de todas as grandes tradições sustentarem que a paz é uma virtude essencial, elas fazem uso da força em certas circunstâncias, por exemplo, para defender seu credo ou aumentar seu poderio. A religião serviu como pretexto para a hostilidade entre poderes ao longo da história. (LIVRO DAS RELIGIÕES, 2016, p.15).

É necessário ter uma atividade e vivência ética, pois a ética é uma ciência que trata das mais belas formas de convivência na sociedade. “A ética deve e pode ser para nós uma maneira de melhorar e tornar a vida mais reta e melhor”. (KARNAL, 2017, p. 133). É essencial que cada ser, “grupo religioso”, religião e igreja reconheça que cada pessoa tem seu valor e dignidade absoluto independente do estado psicológico, econômico, social, acadêmico e da profissão de fé. Além disso, é fundamental pegar, assimilar para si o que é de positivo em cada religião.

Na antiguidade o imperador indiano Asoka nos mostra uma compreensão da importância de praticar a tolerância religiosa e o respeito aos demais para haver uma boa convivência. Harari em seu livro - 21 lições para o século 21 - relata o edital de tolerância religiosa do imperador Asoka por volta de 250 a. C, o qual transcreveremos a seguir:

“Amado dos Deuses, o rei que considera todos com afeição, homenageia os ascetas e os chefes de todas as religiões e honra valores que deveriam ser cultivados na essência de todas as religiões. Cultivo daquilo que é essencial pode ser feito de diferentes maneiras, mas todas elas têm sua raiz restrita ao discurso, isto é, não

louvando a própria religião de alguém, ou condenado a religião de outros sem bom motivo [...] Todo aquele que louva sua própria religião, devido a uma devoção excessiva, e condena outras com o pensamento “Que eu glorifique minha própria religião” só prejudica sua própria religião. Portanto o contato entre religiões é bom. Devem-se ouvir e respeitar as doutrinas professadas por outros. Amado dos Deuses, o rei que considera todos com afeição, deseja que todos sejam bem instruídos nas boas doutrinas de outras religiões. (HARARI, 2018, p.p. 240-241).

Portanto, a história nos mostra que a religião é uma característica tipicamente humana. Como citamos no decorrer deste capítulo, o homem de fato é um ser religioso. Ele busca manifestar, viver esse aspecto de diversas formas, tanto individuais quanto coletivas, por meio das orações compostas de “gestos e palavras; sacrifícios oferecidos à Divindade, em suas variantes cruentas e incruentas; ritos sagrados, [...] altares e templos em que se realizam essas orações, sacrifícios e cerimônias”. (MARTINS FILHO, 2003, p. 229).

CAPÍTULO II

A RELIGIÃO CRISTÃ: IGREJA CATÓLICA

1. A religião cristã

No capítulo anterior vimos por meio de vários textos e autores crentes ou não que o homem é um ser religioso, o qual manifesta sua crença de várias maneiras. Diante disso, somos levados para outras dimensões sobre o entendimento do homem como:

O homem é dotado de inteligência, de reflexão: é na reflexão que ele toma consciência da existência do Sagrado.

É dotado de liberdade: ante ao Sagrado pode responder Sim ou Não, pode aceitá-lo ou rejeitá-lo, pode submeter-se a ele ou então revoltar se, pode amá-lo ou odiá-lo.

Na religião, mais ainda que em qualquer outra atividade do homem, vem à luz o seu aspecto de autotranscendência: o encontro com o Sagrado é o ato de autotranscendência por excelência; ele ocorre quando o homem transcende o seu ser atual e toda a esfera do real que o circunda. (MONDIN, 2008, p. 252).

O cristianismo é uma religião composta de três linhas ou igrejas distintas, a saber: Igreja Católica Apostólica Romana; Igreja Ortodoxa¹ (1054) e Igreja Protestante (1571). A sociedade é múltipla e dinâmica, como isso, temos várias crenças/concepções religiosas. Em virtude da natureza da pesquisa, não é nosso objetivo falar das diversas religiões ou crenças religiosas, mas focar no Cristianismo, sobretudo na igreja católica que vive e celebra a Trindade,(Deus Uno e Trino) a Encarnação e o Mistério Pascal. Ela segue como fundamento de sua doutrina a Tradição Apostólica, a Bíblia e o Magistério. A seguir citaremos em linhas gerais o que significa estes pontos, isto é: Tradição Apostólica, a Bíblia e o Magistério.

2. Tradição Apostólica.

Segundo o dicionário de filosofia, Nicola Abbagnano, tradição significa: “herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para outra” (ABBAGNANO, 2007, p.p. 1149-1150). No que diz respeito ao aspecto

¹ O ponto chave da cisão da igreja Ocidental e Oriental foi: Filioque. Em 381 temos Concílio de Constantinopla que “confirma a profissão de fé de Nicéia. Amplia o que concerne ao Espírito Santo ‘que procede do Pai’. Mais tarde, os gregos interpretam isso como procede do Pai pelo Filho; o Ocidente, como procede do Pai e do Filho (o que se tornará posteriormente o objeto da principal controvérsia entre a Igreja católica e a Igreja ortodoxa)” . (FROHLICH, Roland. Curso básico de história da Igreja, São Paulo: Paulus, 1987.p. 35).

religioso cristão católico a tradição alcança outras dimensões que ultrapassam o tempo cronológico e o espaço físico. Cristo ordena os Apóstolos a pregarem a sua mensagem de Boa Nova e, sobretudo, darem testemunho do Evangelho. Vejamos o que o Catecismo da Igreja Católica fala sobre isso, pois conforme ele

A transmissão do Evangelho, segundo a ordem do Senhor, fez-se de duas maneiras: **oralmente**, “pelos Apóstolos, que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo”; **por escrito**, “por aqueles apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação”.

“Para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, “entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério”. Com efeito, “a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão ininterrupta, até à consumação dos tempos”.

Esta transmissão viva, realizada no Espírito Santo, denomina-se Tradição, enquanto distinta da Sagrada Escritura, embora estreitamente a ela ligada. Pela Tradição, “a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo em que acredita”. “Afirmações dos santos Padres testemunham a presença vivificadora desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante”.

Assim, a comunicação que o Pai fez de Si próprio, pelo seu Verbo, no Espírito Santo, continua presente e ativa na Igreja: “Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo – por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja, e, pela Igreja, no mundo – introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza” . (CIC, 2017, p.p. 33-34). Grifo do autor.

Portanto, a tradição neste cenário não é apenas uma questão cultural, social e política, é, sobretudo divina. Pois os Apóstolos transmitiram e viveram a Mensagem de vida que Cristo deixou, a Igreja continuar a vivenciar isto diariamente em sua vida, sobretudo, celebrando o Mistério Pascal. “Nenhum crente, nenhuma instituição da igreja pode esquivar-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos”. (JOÃO PAULO II, 1991, p. 9). O apóstolo Paulo que é um dos personagens fundamentais da história do cristianismo diz: “ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (I Cor 9, 16). Anunciar e viver o Evangelho não é fácil, é um desafio constante, mas também fascinante e necessário. O cristão tem a missão de anunciar e viver o Cristo. “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15)

2.1 Bíblia

A Bíblia ou Sagrada Escritura “é o conjunto dos livros do Velho e do Novo Testamento”(BUENO, 2010, p. 68). Na bíblia os homens relatam a ação de Deus na história. “A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto redigida sob a moção do Espírito Santo”. (CIC, 2017, p. 35). O Apóstolo Pedro diz que os homens falaram como porta-vozes de Deus. Eles agiram inspirados pelo Espírito Santo (2 Pd 1, 20-21).

O livro (bíblia, carta, constituição) é um dos elementos fundamentais de um povo. Mas um livro que relate a vida de um povo não é construído de forma mágica e individual. Ele passa por um longo processo de construção. O qual envolve vários poderes como: religioso, político, social, intelectual, econômico e cultural. No que diz respeito ao livro sagrado (a bíblia) se conhece e acredita que a

“Bíblia” foi produzida no seio de um povo que vivia uma experiência de Deus. Situa-se no interior de uma história de salvação. De igual modo, será por seu turno reconhecida por esse povo em nome de critérios que ultrapassam necessariamente o conteúdo particular de cada livro, porque prezam a coerência do conjunto e a ideia que o povo faz de sua história santa. Estamos aqui diante de um dado antropológico: o livro enquanto livro não pode bastar-se a si mesmo. Ele supõe sempre uma relação viva entre aquele que escreve e aquele que lê. Um livro é sempre um ato de transmissão ou de tradição. Ele ganha sentido e valor na comunidade cultural que o produz. Só recebe autoridade no interior desse processo de comunicação. Lemos um livro porque, de uma maneira ou de outra, alguém o pôs em nossas mãos. A Bíblia é o livro que a Igreja põe nas mãos dos cristãos. (SESBOÛE, 2015, p. 65).

A bíblia não é um livro de receita, não é qualquer livro ou uma simples biblioteca que se pode ler e interpretar de qualquer forma, pois é necessário conhecer o contexto (religioso, político, cultural, moral e histórico) em que ela foi elaborada. Ela foi construída durante séculos com inúmeras realidades, concepções políticas, religiosas, morais, culturais, míticas, econômicas, científicas entre outras. Por isso, ela deve ser lida mediante a luz da fé e da razão para entender o seu contexto e também a sua mensagem, para a época e, sobretudo, atual.

Quanto aos textos bíblicos, e em particular os Evangelhos, a sua verdade não se reduz seguramente à narração de simples

acontecimentos históricos ou à revelação de fatos neutros, como pretendia o positivismo historicista. Pelo contrário, esses textos expõem acontecimentos, cuja verdade está para além da mera ocorrência histórica: está no seu significado para e dentro da história da salvação. Esta verdade adquire a sua plena explicitação na leitura perene que a Igreja faz dos referidos textos ao longo dos séculos, mantendo inalterado o seu significado originário. Portanto, é urgente que se interroguem, filosoficamente também, sobre a relação que há entre o fato e o seu significado; relação essa que constitui o sentido específico da história. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p. 125-126).

2.2 Magistério

O Magistério da Igreja é formado pelo papa e os bispos, juntos eles estudam e definem a vida eclesial, o que é necessário fazer ou evitar para levar uma vida em harmonia com o projeto de Deus e também com as leis humanas, pois o homem é um cidadão que possui direitos e deveres na sociedade na qual ele vive. O ser humano nasce, vive e convive em sociedade repleta de símbolos, “normas, instituições, costumes, numa palavra, numa unidade de um mundo de obras, que são expressão das ações de gerações anteriores, mundo de objetos portadores de significação humana”. (OLIVEIRA , 2000, p.122).

O Magistério exerce um papel fundamental na doutrina e na vida da igreja. Segundo o catecismo da igreja católica o Magistério é

O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo, isto é, foi confiado aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma.

Todavia, tal Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a servia, não ensinando senão o que foi transmitido, no sentido de que, por mandato divino, com a assistência do Espírito Santo, piamente escuta aquela palavra, santamente a guarda e fielmente a expõe, e deste único depósito de fé tira o que nos propõe para ser crido como divinamente revelado. (CIC, 2017, p.36).

A religião cristã tem uma característica peculiar, misteriosa e revolucionária. Ela se diferencia das demais concepções religiosas, pelo mistério da encarnação do Verbo. Cristo uni a natureza divina e humana, essa realidade ultrapassa todas as concepções racionais, culturais, sociais e políticas.

A religião cristã se distingue de todas as demais por ter como fundador o Deus-homem, Jesus Cristo (0-33). Personagem histórico referido por historiadores como Tácito, Flávio Josefo, Suetônio e Luciano, nasceu em Belém da Judéia, na pobreza total de um presépio, de Maria Virgem, no tempo do Imperador Romano Otávio César. Viveu em Nazaré, trabalhando como carpinteiro até os 30

anos, quando começou sua pregação, surpreendendo pela sabedoria profunda, quando carente de estudos. Formou um grupo de discípulos mais próximos (apóstolos), corroborou a autoridade de seus ensinamentos com milagres (curas e domínio sobre as forças da Natureza), e manteve-se celibatário durante toda a sua vida, vindo a morrer flagelado e crucificado no tempo do Imperador Tibério César, quando era procurador da Judéia Pôncio Pilatos, abandonado de seus discípulos. Ressuscitado ao terceiro dia, passou 40 dias confirmando em sua doutrina os apóstolos, até sua ascensão ao Céu. (MARTINS FILHO, 2003, p, 252).

O cristianismo é uma religião que tem um Deus que se revela ao homem, sobretudo na pessoa de Jesus Cristo², que se fez homem, cresceu, viveu e morreu a maneira humana, Ele viveu todas as características humanas, exceto o pecado.

O cristianismo é uma religião baseada no assentimento da fé no Deus revelado por Jesus de Nazaré como sentido da existência humana e do mundo. A fé é cristocêntrica e baseia-se na autoridade de Deus, que se revelou através dos profetas e de modo pleno em Jesus Cristo. (ZILLES, 2020, p, 92-93).

O homem como ser inteligente e livre questionar sobre a realidade envolvente (o cosmos, se mesmo e Deus). A verdade liberta o homem, disse, Cristo: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Deus age na história do homem, Ele se revela ao homem seu amor, sua bondade e sua misericórdia no itinerário de sua existência. Deus não cessa de atrair o homem para si. Pois somente Nele é que o homem encontra a Verdade e a Felicidade. Disse Jesus: eu sou o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). O apóstolo Paulo diz que: em “Deus nos movemos, existimos e somos. (At 17,28).

Enquanto fonte de amor, Deus deseja dar-Se a conhecer, e o conhecimento que o homem adquire d'Ele leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p. 15-16).

² Jesus nasce na época em que o Império romano, sob o reinado do imperador Augusto, vivia décadas de paz. Depois de dois séculos de expansão, chega então uma fase de consolidação. Para isso, o Império precisava, além de reformas administrativas e militares, de valores ideais. Naquele momento uma nova abertura à religiosidade, e outros cultos e religiões caracterizava os Romanos, que sempre atribuíram à benevolência dos deuses o bem-estar público. – A Judéia se encontrava, desde 63 a.C., sob dominação romana. A administração continuava autônoma, mas sob a vigilância de procurador romano. O povo estimava a liderança dos fariseus, com sua observância rigorosa da Lei e a separação com relação aos incircuncisos. Menor audiência tinham os saduceus, que reconheciam apenas a Torá escrita, mas não seu desenvolvimento pela tradição oral. A aparição de Jesus encontrou assim duas atitudes, que tornavam provável seu fracasso: 1) a expectativa messiânica misturada com as aspirações à liberdade política; 2) a ligação entre instauração do reino de Deus e pleno cumprimento da Lei. As duas tendências estavam em contradição com a consciência que Jesus tinha de sua missão. (FROHLICH, Roland. Curso básico de história da Igreja. São Paulo: Paulus, 1987, p. 9).

Portanto, o homem é um ser religioso, ele manifesta isso de vários formas tanto pessoais quanto coletivas por meio de ritos, palavras, orações, imagens, templos, livros, “instituições” entre outras. A religião é um dos elementos fundamentais no desenvolvimento da humanidade. Atualmente temos uma variedade de religiões, mas a pergunta é: a religião faz com que a pessoa seja mais humana, compreensível com as outras e que tenha respeito a biodiversidade? O que é mais necessário o entendimento de/sobre Deus ou divindade ou a experiência dele/a na vida concreta?

CAPÍTULO III

AS RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE A FÉ E A RAZÃO: CRISTIANISMO E A MISSÃO DA IGREJA ATUAL.

1. Fé e Razão

O homem como ser racional e histórico deseja e busca a verdade e a felicidade. Aristóteles, filósofo grego, dizia que o homem tem por finalidade a felicidade e que todos os homens desejam conhecer. Mas conhecer o que? A verdade sobre si e a realidade a sua volta. Santo Agostinho em sua obra Confissões diz: “encontrei muitos com desejos de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado”. (AGOSTINHO, 1999, p. 282).

A filosofia (filos - amor e Sofia - sabedoria) é a ciência que melhor auxilia o homem nesta busca, por pensar a pessoa humana em sua integridade e a totalidade das coisas. Pois a filosofia estuda de forma sistemática os problemas principais no que diz respeito à “existência humana, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem, bem como ao universo em sua totalidade”. (ZILLES, 2020, p.16). O homem não se contenta com qualquer conhecimento ele quer saber o como? O porquê? O pra quê? No livro: O Mundo de Sofia, Jostein Gaarder, diz que “precisamos descobrir quem somos e porque é que vivemos”. (GAARDER, 1995, p. 24). Uma vida sem questionamentos é uma vida passiva sem progressos.

Este ser racional vive em uma cultura, mas o que é cultura? É tudo aquilo que o homem faz no decorrer de sua história aqui na terra, ou seja, a cultura envolve um conjunto de símbolos, valores, regras, ritos que orientam uma determinada sociedade. O homem como ser racional e cultural deseja e busca conhecer a realidade em sua volta. Na obra Diálogos entre fé e razão, o autor diz que:

Todo ser humano é, profundamente, integrado numa cultura, pois ele vive numa sociedade, numa rede de comunicação com outros seres humanos e com a natureza, e habita numa história que ele cria e, ao mesmo tempo, que o cria. Cada cultura, por ser humana, é marcada pela abertura à verdade e à plenitude. Portanto, é para seu próprio bem que ela [ele] se deixa questionar pela reflexão crítico-universal da filosofia. (OLIVEIRA, 2000, p.47).

Sócrates, filósofo grego, recomendava aos seus discípulos um autoconhecimento. O grande e principal desafio da filosofia é fazer com que o homem tenha um autoconhecimento. A filosofia nos ajuda a ter uma compreensão melhor de nós mesmos e do mundo à nossa volta. “A filosofia não tem como objetivo dar informações sobre fatos que ignoramos, mas modificar e aperfeiçoar nossa compreensão da realidade”. (MICHELETTI, 2007, p. 35). O papa João Paulo II no início de sua encíclica que trata das relações entre a fé e a razão relata que

Tanto no Oriente como no Ocidente, é possível entrever um caminho que, ao longo dos séculos, levou a humanidade a encontrar-se progressivamente com a verdade e a confrontar-se com ela. É um caminho que se realizou - nem podia ser de outro modo - no âmbito da autoconsciência pessoal: quanto mais o homem conhece a realidade e o mundo, tanto mais se conhece a si mesmo na sua unicidade, ao mesmo tempo, que nele se torna cada vez mais premente a questão do sentido das coisas e da sua própria existência. O que chega a ser objeto do nosso conhecimento, torna-se por isso mesmo parte da nossa vida. A recomendação conhece-te a ti mesmo estava esculpida no dintel do templo de Delfos, para testemunhar uma verdade basilar que deve ser assumida como regra mínima de todo o homem que deseje distinguir-se, no meio da criação inteira, pela sua qualificação de “homem”, ou seja, enquanto “conhecedor de si mesmo”.

Aliás, basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: Quem sou eu? Onde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida? Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípides e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles. São questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efetivamente a orientação que se imprime à existência. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p.5-6).

Ao laçarmos nosso olhar para a história da humanidade, veremos não somente alguns conflitos, mas também uma harmonia profunda entre a fé e a razão. Desde o início da Era cristã, “os cristãos” perceberam o valor e a necessidade de uma relação entre a fé e a razão, para aprofundar, justificar o conhecimento sobre Deus e sua ação salvadora na humanidade. Mas o encontro do cristianismo com a filosofia não aconteceu de forma mágica,

passiva e sem resistência, tanto dentro como fora da igreja tal encontro foi marcado por protestos, houve grandes e calorosos debates de ordem, política, filosófica e teológica. Em sua encíclica sobre as relações entre a fé e a razão, o papa João Paulo II relata alguns pontos deste contexto, diz ele que:

Os Atos dos Apóstolos testemunham que o anúncio cristão se encontrou, desde os seus primórdios, com as correntes filosóficas do tempo. Lá se refere à discussão que S. Paulo teve com “alguns filósofos epicuristas e estóicos”[...]. A análise exegética do discurso no Areópago evidenciou repetidas alusões a ideias populares, predominantemente de origem estóica. Certamente isso não se deu por acaso; os primeiros cristãos, para se fazerem compreender pelos pagãos, não podiam citar apenas “Moisés e os profetas” nos seus discursos, mas tinham de servir-se também do conhecimento natural de Deus e da voz da consciência moral de cada homem [...]. Como, porém, na religião pagã, esse conhecimento natural tinha degenerado em idolatria [...] o Apóstolo considerou mais prudente ligar o seu discurso ao pensamento dos filósofos, que desde o início tinham contraposto, aos mitos e cultos mistérios, conceitos mais respeitosos da transcendência divina.

De fato, um dos cuidados que [...] tiveram os filósofos do pensamento clássico, foi purificar de formas mitológicas a concepção que os homens tinham de Deus. Bem sabemos que a religião grega, como grande parte das religiões cósmicas, era politeísta, chegando a divinizar até coisas e fenômenos da natureza. As tentativas do homem para compreender a origem dos deuses e, nestes, a do universo tiveram a sua primeira expressão na poesia. As teogonias permanecem, até hoje, o primeiro testemunho desta investigação do homem. Os pais da filosofia tiveram por missão mostrar a ligação entre a razão e a religião. Estendendo o olhar para os princípios universais, deixaram de contentar-se com os mitos antigos e procuraram dar fundamento racional à sua crença na divindade. Embocou-se assim uma estrada que, saindo das antigas tradições particulares, levava a um desenvolvimento que correspondia às exigências da razão universal. O fim que tal desenvolvimento tinha em vista era a verificação crítica daquilo em que se acreditava. A primeira a ganhar com esse caminho feito foi a concepção da divindade. As superstições acabaram por ser reconhecidas como tais, e a religião, pelo menos em parte, foi purificada pela análise racional. Foi nesta base que os Padres da Igreja instituíram um diálogo fecundo com os filósofos antigos, abrindo a estrada ao anúncio e à compreensão do Deus de Jesus Cristo. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p.51-52).

O homem é um ser histórico e religioso, ou seja, o homem vive no tempo e no espaço cercado por fé/crença humanas e divinas. Na cultura cristã o tempo ocupa um lugar de capital valor, pois “quando chegou a plenitude do tempo, envia Deus o seu Filho.” (Gl 4,4). A história é o lugar onde se dá a ação de Deus em favor da humanidade. É na Encarnação que se tem toda explicação, podemos exemplificar isto com um fragmento da Carta Encíclica

Fides et Ratio, que trata das relações entre a fé e a razão de João Paulo II, diz ele que:

A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo esconde-se no fragmento, Deus assume o rosto do homem. Deste modo, a verdade expressa na revelação de Cristo deixou de estar circunscrita a um restrito âmbito territorial e cultural, abrindo-se a todo o homem e mulher que a queira acolher como palavra definitivamente válida para dar sentido à existência. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p.19-20).

O cristianismo em sua gênese enfrentou vários desafios de ordem política, jurídica, religiosa, mas uma das maiores consequências foi de caráter doutrinal/teológico dentro e fora da igreja. Um dos pontos estava a crença ou não em Cristo, vivo e ressuscitado, pois

A morte de Jesus é admitida. Já sua ressurreição choca, escandaliza ou provoca sorrisos. Mas o testemunho dos apóstolos gira em torno da relação entre a morte e a ressurreição de Jesus: aquele que foi visto expirando, morto, foi visto depois de três dias, vivo, idêntico a si mesmo, capaz de ser tocado e de partilhar a ceia de seus amigos. Seria Cristo ressuscitado que seus discípulos passariam a pregar. É ele que constitui o fundamento do cristianismo: “se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé”, escreveu Paulo. Foi no júbilo da ressurreição de Jesus e na expectativa de uma parusia iminente que as primeiras comunidades cristãs se expandiram. (PIERRARD, 1982, p. 17).

Nos Atos dos Apóstolos Paulo diz que em Deus: “nos movemos, existimos e somos”(At 17,18). Os cristãos estavam conscientes que, para atrair os pagãos não bastava somente citar Moisés e os profetas, mas era necessário fazerem uso do conhecimento natural de Deus e da voz da consciência moral de cada homem. Eles sabiam que era necessário o uso da Filosofia na e para a Igreja.

O Catecismo da Igreja Católica, diz que: “há duas vias com as quais o homem chega a Deus: a saber, o cosmos e a pessoa humana”.(CIC, ANO, N. 31). Na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro da Sabedoria encontramos a seguinte passagem sobre a perfeição do cosmos, da vida, da pessoa, “pois a grandeza e a beleza da criaturas fazem por analogia, contemplar seu Autor.”(Sb 13,5). No Novo Testamento, encontramos esta belíssima afirmação: “desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus tais como o seu poder eterno e sua divindade, podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que ele realizou” (Rm 1,20)³.

³ Para aprofundar a temática é necessário a leitura e entendimento dos nº 31 a 33 do Catecismo da Igreja Católica .

O homem é um ser que vive de crença, pois acredita nos conhecimentos produzidos/vivenciados ao longo da história. O conhecimento é uma construção coletiva e política, este é um fato que não podemos negar. João Paulo II diz que:

O homem não foi criado para viver sozinho. Nasce e cresce numa família, para depois se inserir, pelo seu trabalho, na sociedade. Assim a pessoa aparece integrada, desde o seu nascimento, em várias tradições; delas recebe não apenas a linguagem e a formação cultural, mas também muitas verdades nas quais acredita quase instintivamente. Entretanto, o crescimento e a maturação pessoal implicam que tais verdades possam ser postas em dúvida e avaliadas através da atividade crítica própria do pensamento. Isto não impede que, uma vez passada esta fase, aquelas mesmas verdades sejam “recuperadas” com base na experiência feita ou em virtude de sucessiva ponderação. Apesar disso, na vida duma pessoa, são muito mais numerosas as verdades simplesmente acreditadas que aquelas adquiridas por verificação pessoal. Na realidade, quem seria capaz de avaliar criticamente os inumeráveis resultados das ciências, sobre os quais se fundamenta a vida moderna? Quem poderia, por conta própria, controlar o fluxo de informações, recebidas diariamente de todas as partes do mundo e que, por princípio, são aceites como verdadeiras? Enfim, quem poderia percorrer novamente todos os caminhos de experiência e pensamento, pelos quais se foram acumulando os tesouros de sabedoria e religiosidade da humanidade? Portanto, o homem, ser que busca a verdade, é também aquele que vive de crenças. (JOÃO PAULO II, 2010, p.44).

A fé/crença humana e divina é fundamental nas relações humanas, mas a fé religiosa tem um carácter específico. Pois ela, isto é, “[...] a fé religiosa volta-se para Deus como raiz última e sentido da existência”. (ZILLES, 2020, p. 47). A fé religiosa é uma correspondência do ser humano que é mortal a Deus, “a fé é a resposta do homem a Deus que se revela e a ele se doa, trazendo ao mesmo tempo uma luz superabundante ao homem em busca do sentido último de sua vida”. (CIC, 2017, p.21). Além disso, podemos vê que a fé ou experiência com Deus envolve a pessoa em sua totalidade, pois

31. Criado à imagem de Deus, chamado a conhecer e a amar a Deus, o homem que procura Deus descobre certos “caminhos” de acesso ao conhecimento de Deus. Também se lhes chama “provas da existência de Deus” – não no sentido das provas que as ciências naturais indagam, mas no de “argumentos convergentes e convincentes” que permitem chegar a verdades certas. Estes “caminhos” para atingir Deus têm como ponto de partida criação: o mundo material e a pessoa humana.

32. O mundo: A partir do movimento e do devir, da contingência, da ordem e da beleza do mundo, pode chegar-se ao conhecimento de Deus: como origem e fim do universo. São Paulo afirma a respeito dos pagãos: “O que se pode conhecer de Deus manifesto para eles, porque Deus lho manifestou. Desde a criação do mundo, a perfeições invisíveis de Deus, o seu poder eterno e a sua divindade tornam-se pelas suas obras, visíveis à inteligência” (Rm 1, 19-20)

33. O homem: Com a sua abertura à verdade e à beleza, com o seu sentido do bem moral, com a sua liberdade e a voz da sua consciência, com a sua ânsia de infinito e de felicidade, o homem interroga-se sobre a existência de Deus. Nestas aberturas, ele detecta sinais da sua alma espiritual. “Gêrmen de eternidade que traz em si mesmo, irredutível à simples matéria”, a sua alma só em Deus pode ter origem. (CIC, 2017, p.23).

A consciência de Deus, a compreensão de Sua natureza e de Seu querer para nós, não é o resultado de uma atividade puramente cognitiva, mas envolve toda a pessoa, o exercício tanto das faculdades cognitivas como da atividade prática e da vida do espírito. (MICHELETTI, 2007, p. 129).

O homem como ser racional e religioso acredita que, a realidade na qual ele está envolvido não é uma manifestação do acaso, não é uma realidade unicamente da química e da biologia, mas é sobretudo ação de Deus Uno e Trino. É necessário unir a fé e a razão, assim o homem tem um conhecimento melhor de sua vida. “Pela razão o homem alcança a verdade, porque, iluminado pela fé, descobre o sentido profundo de tudo e, particularmente, da própria existência”. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p. 31-32). Portanto, o homem não pode nem deve ir ao extremo da fé e da razão. Pois é necessário viver no equilíbrio de ambas.

São Tomás de Aquino filósofo, teólogo e doutor da igreja diz que a fé e a razão não são contraditórias, pois ambas tem a mesma origem/fonte, isto é, elas vem de Deus. Pode-se afirmar que “fé e razão, filosofia e teologia não se podem contradizer porque Deus é o autor comum de ambas” (ZILLES, 2020, p.107). No que diz respeito às relações e importância da fé e a razão para o homem, João Paulo II diz que:

A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio. (JOÃO PAULO II, 2010, p.5).

Acreditar em Deus, mas do que um ato fé é necessário dá testemunho dessa crença, viver em harmonia com o outro e o universo. Não bastam apenas manifestações verbais e superficiais sobre Deus. “nem todo aquele que diz ‘Senhor’, ‘Senhor’, entrará no Reino do Céu” (Mt, 7,21), é necessário dá testemunho dessa crença no dia a dia, em casa, no trabalho, enfim no meio social, na convivência com outros crentes ou não, ou seja, é necessário o respeito à pessoa humana em sua integridade e a biodiversidade, pois

Crer em Deus é dizer *sim* a Deus como sentido da vida, um *sim* que engaja todo o ser do crente, é um movimento do crente todo, que se entrega totalmente. Mas crer em Deus também significa crer no próximo, no mundo e em si mesmo. Crer em Deus significa reconhecer-se e aceitar-se na fragilidade, ser livre para construir sua vida. Quem crê em Deus não pode admitir escravidão ou totalitarismo, pois homem algum pode usurpar o senhorio de Deus. Somente onde os homens aceitam Deus como pai comum, é possível a fraternidade universal. Quem crê em Deus não pode negligenciar o mundo, obra de sua bondade, pois dizer um *sim* a Deus implica um *sim* a toda a sua obra. (ZILLES, 2020, p. 49). Grifo do autor.

2. A missão da Igreja Atual

O século XXI, vive as consequências das conquistas e transformações geradas pelos avanços técnicos e científicos ao longo da história, sobretudo a partir do século XX. Um dos pontos em que se deve prestar muita atenção é a Inteligência Artificial e, sobretudo, a Engenharia Genética, pois ela traz inúmeras questões de ordem econômicas, sociais, “éticas, políticas e ideológicas”. (HARARI, 2018, p.412).

Estamos vivendo uma crise de ordem ética, política social, econômica, diante disso, temos: desigualdade social, aquecimento global e aumento do poder bélico (armas de fogo, químicas, nucleares, biológicas...) cada vez mais letal. O cientista Marcelo Gleiser, diz que “é um mundo louco esse, em que o equilíbrio, a paz, é obtido por meio do equilíbrio das armas.” (BETTO; GLEISER, 2020, p. 187).

Este contexto nos deixa preocupados em crise, frente a este cenário é urgente que a pessoa humana faça uma reflexão séria e constante sobre a realidade em sua volta e no mundo. É necessário que cada pessoa assuma o papel de ser humano e crente comprometido com a vida em sua plenitude, pois “a defesa e a promoção da vida não são monopólio de ninguém, mas tarefa e responsabilidade de todos”.(JOÃO PAULO II,1995, p. 182).

Não é missão da igreja tomar em suas mãos aquilo que é função e responsabilidade do estado, mas ela não pode nem deve ficar em silêncio, estagnada diante da omissão do estado a favor da vida. A igreja deve lutar e cobrar do estado leis, ações concretas que de fato respeitem e promovam a

vida, a pessoa humana em sua dignidade e a biodiversidade⁴. O papa Bento XVI em sua Carta Encíclica: Deus é Amor diz que:

A Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve colocar-se no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar. A sociedade justa não pode ser obra da Igreja; deve ser realizada pela política. Mas toca à Igreja, e profundamente, o empenhar-se pela justiça trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem. (BENTO XVI. Deus é amor. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 05 dez.2021. 10:21:50).

Ao lado da religião/teologia está a filosofia que nos ajuda a ver, analisar e julgar a realidade na qual estamos. Ela busca entender as principais questões: O que é? Por que é? Como é? A filosofia é a ciência que busca refletir sobre os cenários de “crise no pensamento, na linguagem e na ação, pois é neles que se torna mais clara a exigência de fundamentar ideias, discursos e práticas”.(CHAUI, 2017, p.22).

O filósofo precisa duvidar de tudo, para saber/entender se tal “coisa”, “informação”, “discurso” / é verdadeiro(a) ou falso(a), sobretudo neste “mundo em que vivemos: onde fatos são moldáveis” (MELLO, 2020.p,19). A Filosofia trabalha com IDEIAS, as ideias se transformam em IDEOLOGIAS, estas movem o homem, a sociedade e o mundo seja para o bem ou para o mal. A ideologia é o modo de SER, PENSAR e AGIR de cada pessoa ou sociedade. A filosofia nos ajuda a entender o mundo a nossa volta,

Variados são os recursos que o homem possui para progredir no conhecimento da verdade, tornando assim cada vez mais humana a

⁴ Toda instituição se inspira, ainda que implicitamente, numa visão do homem e de seu destino, da qual deduz os critérios de seus juízos, sua hierarquia de valores, sua linha de conduta. A maior parte das sociedades tem referido suas instituições a uma certa preeminência do homem sobre as coisas. Só a religião divinamente revelada reconheceu claramente em Deus, Criador e Redentor, a origem e o destino do homem. A Igreja convida os poderes políticos a referir seu julgamento e suas decisões a esta inspiração da verdade sobre Deus e sobre o homem. A Igreja, que em razão de seu múnus e de sua competência, não se confunde de modo algum com a comunidade política, é ao mesmo tempo sinal e salvaguarda do caráter transcendente da pessoa humana. “A Igreja respeita e promove a liberdade política e a responsabilidade dos cidadãos.” Faz parte da missão da Igreja emitir juízo moral também sobre as realidades que dizem respeito à ordem política, quando o exijam os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas, empregando todos os recursos - e somente estes - que estão de acordo com o Evangelho e com o bem de todos, conforme a diversidade dos tempos e das situações. (CIC, 2017, p. 586).

sua existência. De entre eles sobressai a filosofia, cujo contributo específico é colocar a questão do sentido da vida e esboçar a resposta: constitui, pois, uma das tarefas mais nobres da humanidade [...]. Interrogar-se sobre o porquê das coisas é uma propriedade natural da sua razão, embora as respostas, que esta aos poucos vai dando, se integrem num horizonte que evidencia a complementaridade das diferentes culturas onde o homem vive. (JOÃO PAULO II, 2010, p.p . 7-8).

É necessário e urgente ter um conhecimento da antropologia, ou seja, saber quem é o homem para respeitá-lo em sua dignidade e valor, em sua dimensão metafísica. Pois sem o conhecimento e a valorização dessa realidade não se pode respeitá-lo em sua esfera metafísica/psicofísica, ou seja, divina e humana.

O ser humano torna-se para si mesmo objeto da reflexão filosófica: reflexão sobre a vida, a religião, a cultura etc. Para conhecer o ser humano, é necessária a introspecção como fundamento e ponto de partida a qualquer outro recurso de natureza metódica. Pode, no entanto, usar dados oferecidos pela biologia, sociologia, psicologia e história, interpretando-os à sua maneira. Tenta explicar fenômenos específicos do ser humano, como linguagem, consciência moral, ideias de justiça e injustiça, liberdade, Estado, mito, religião, ciência. No centro de sua reflexão, sempre está a pergunta: o que é o homem? Para Kant, a antropologia trata da *questão filosófica por excelência*, pois, se as principais questões filosóficas são a metafísica, a ética, a religião e a antropologia, as três primeiras são partes da última. (ZILLES, 2020, p. 35). Grifo do autor.

Neste cenário, citado acima vem à pergunta: Qual deve ser o perfil do teólogo católico no século XXI? Na obra, *Fé e Razão no mundo contemporâneo*, o autor nos ajuda a responder este e outras questões, pois ele citar alguns pontos que reproduziremos abaixo:

- a) ser um *homo fidelis*, isto é, uma pessoa crente com pressupostos pessoais, éticos e religiosos, com espírito aberto e capacidade para inovar, criar, liderar e orientar as pessoas no mundo atual. O fundamento do *ethos* do teólogo católico é a fé no Deus revelado por Jesus de Nazaré;
- b) ser um *homo doctus*, competente e engajado em sua área de conhecimento para merecer respeito e autoridade perante os colegas de outras áreas e saber falar de Deus e da mensagem da Boa-nova de Cristo ao ateu de hoje de maneira convincente;
- c) ser um *homo eruditus*, ou seja, com sólida formação geral e humana, permanecendo constantemente atualizado e atento ao diálogo entre fé e razão, entre fé e ciência;
- d) ser um *homo habilis*, isto é, alguém com bom senso nas coisas de Deus e do mundo para falar, escrever e agir, oferecendo perspectivas reais ao ser cristão no mundo de hoje, voltando-se menos ao passado e mais ao mundo presente e futuro - já que o passado não mais mudaremos, resta-nos construir o futuro agora;

e) ser um *homo publicus* com consciência de que suas palavras e seu modo de ser exercem influência sobre o pensamento e o comportamento de outras pessoas. Hoje à Igreja católica não faltam sucessores de Pedro, mas muita falta lhe fazem sucessores do apóstolo Paulo, ou seja, pessoas com um olhar para além das fronteiras dos muros confessionais e estritamente doutrinários;

f) ser um *homo ecclesiasticus* a serviço de Cristo como membro da Igreja que, em última análise, é o sujeito da teologia católica, caracterizando-se pela sabedoria que ordena, julga e busca uma visão de conjunto das coisas na perspectiva do Deus revelado. O maior inimigo da Igreja católica, sem dúvida, nos últimos séculos, não é a ciência nem a filosofia, nem as questões doutrinárias, mas é ela mesma, prisioneira do seu próprio passado. Envolve-se em muitas coisas secundárias, em coisas sem maior importância para a fé, esquecendo ou escondendo ao povo o essencial: Cristo e sua mensagem. O povo necessita e busca uma mensagem de amor e de esperança que a tecnociência não lhe proporciona.

Para falar com credibilidade sobre Deus ao homem no mundo de hoje, pressupõe-se que o teólogo primeiro ouça o que Ele nos tem a dizer, ou seja, não basta falar *sobre Ele*. É preciso não se esquecer de falar *com Ele* na oração e ouvir o que nos tem a dizer para agir com prudência e responsabilidade. (ZILLES, 2020, p. 110-111- grifo do autor).

A Igreja (Católica) ao longo de sua história e atualmente reconhece, vive a importância da Razão para entender e explicar alguns fatos/acontecimentos de ordem religiosa, política, econômica, social, cultural entre outras. Para igreja razão e fé não são antagônicas, pois ambas veem de Deus e tem como finalidade fazer com que o homem tenha um profundo conhecimento de si e da realidade a sua volta, “a razão e a fé não podem ser separadas, sem fazer com que o homem perca a possibilidade de conhecer de modo adequado a si mesmo, o mundo e Deus”. (JOÃO PAULO II, 2005, p, 29).

Por meio da fé e da razão é possível a pessoa humana ter um conhecimento melhor de si, do outro e do cosmos. A igreja acredita na razão e vê nela uma via essencial para “falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base do seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e as ciências [...]”. (CIC, 2017, p.25).

Portanto, é fundamental neste pluralismo de ideias e crises que o cristianismo busque “conhecimento das outras tradições religiosas, diálogos, [...] capacidade de colaboração tendo em vista uma ordem mundial de solidariedade”. (GIBELLINI, 2012, p, 575). Então qual é a missão da Igreja nesse cenário de crise moral, ética, política, jurídica, de desigualdade social ajustadora, de aquecimento global diante das consequências das fake news? A

igreja tem como missão: Viver e anunciar o Cristo e “dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira, para o mistério de Cristo” (JOÃO PAULO II, 1991, p, 11). Resta-nos a pergunta: Como dá testemunho de Cristo hoje?

CONCLUSÃO

O homem é um ser racional, social, cultural, político e religioso que vive no tempo e no espaço. Ele questiona sobre: quem sou? De onde vim para onde vou? Quem é Deus? O que é o amor, a liberdade, a vida e a felicidade? Nenhuma ciência é capaz de fornecer uma resposta definitiva sobre tais indagações. Mas a religião é a ciência que dá um conforto uma resposta melhor ao homem frente a essas situações.

A religião como um das características tipicamente humanas é um dos elementos fundamentais na construção da sociedade. A história nos relewa que o homem em meios às circunstâncias da vida nos momentos de crise, angústia, sofrimento, incertezas, decepção e felicidade busca se relacionar com o divino/Deus. Diante disso, pode-se afirmar que o homem é um ser religioso e manifesta isso de várias formas no decorrer de sua existência, sejam elas, coletivas ou individuais.

A religião cristã é composta de três linhas ou igreja distintas, a saber: católica, ortodoxa e protestante. A igreja católica tem como fundamento de sua doutrina a Tradição Apostólica, a Bíblia e o Magistério da Igreja.

O cristianismo se distingue de todas as religiões ou formas religiosas, pois tem um Deus que se revela ao homem segundo a natureza humana. Isso acontece por meio do mistério da Encarnação. Deus une na pessoa de Cristo a natureza divina e humana, Cristo vive todas as características humanas, exceto o pecado.

O homem como ser racional e histórico deseja e busca a verdade e a felicidade. Nesse itinerário a Filosofia como amor a sabedoria o auxilia nesta busca, mas ela por si só não é possível fornecer uma resposta a essa busca. A Filosofia (Razão) necessita viver/caminhar ao lado da Teologia(Fé), assim o homem tem um conhecimento melhor de si, do outro e da realidade a sua volta.

Portanto, o homem como ser racional, social, político e religioso tem o dever de lutar contra todas as formas de ameaças e destruição da “vida” em suas esferas. Ele deve está ciência que os males, as crises morais, éticas, a desigualdade social, a miséria, o aquecimento global, a ameaça de destruição em massa da sociedade/biodiversidade por meio das armas

químicas, biológicas e nucleares cada vez mais letais são consequências do mal uso da razão, tecnologia, da ciência e da política. É necessário lutar pela vida, pois “a defesa e a promoção da vida não são monopólio de ninguém, mas tarefa e responsabilidade de todos”.(JOÃO PAULO II,1995, p. 182).

Referências:

- AGONTINHO, Santo. **Vida e Obra**: Editora Nova Cultura Ltda, 1999.
- BENTO XVI. **Deus é amor**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 05 dez.2021. 10:21:50
- Bernard SESBOÛE, **O Deus da salvação (século I – VIII), História dos Dogmas** Tomo 1, Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Loyola, 3ª ed., 2015.
- BETTO, Frei; GLEISER, Marcelo. **Sobre a fé e a ciência**. Org. Waldemar Falção. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Agir,2020.
- BÍBLIA SAGRADA**. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno**. São Paulo: DCL, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATOLICA**. 19ª ed. São Paulo:Edições Loyola, 2017.
- CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2017.
- FROHLICH, Roland. **Curso básico de história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1987.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de sofia**. Romance da historia da filosofia. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio(Fé e Razão)**. 13ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. **Redemptoris missio**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. **Evangelium Vitei**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade**. 51ª. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
- _____. **21 lições para o século 21**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- LIVRO DAS RELIGIÕES. Editora Camila Werner. 2ª ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio. Notas de uma reporter sobre fake news e violência digital.** 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MICHELETTI, Mario. **Filosofia analítica da religião.** Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.

MONDIN, Battista. **O homem quem é ele?** : elementos de antropologia filosófica. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre fé e razão.** São Paulo: Paulinas, 2000.

PIERRARD, Pierre. **Historia da Igreja.** São Paulo: Paulus, 1982.

Rosino GIBELLINI, **A teologia do século XX.** 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

ZILLES, Ubano. **Fé e razão no mundo contemporâneo.** São Paulo: Paulus, 2020.